

O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: FUTSAL E VOLEIBOL

SERPA, Paulo Roberto¹

NIECE, Alberto Machado²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo verificar o processo de ensino dos esportes coletivos – futsal e voleibol, utilizando como metodologia de ensino a abordagem crítico-emancipatória. Esta se apresenta como uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, utilizando como instrumentos de coleta de dados os relatórios das intervenções, estes sendo realizados durante as aulas da disciplina Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica do sexto período do curso de Licenciatura em Educação Física. Participaram do estudo aproximadamente 41 escolares com idade entre 12 a 14 anos. Os alunos cursavam a sétima série do Ensino Fundamental no período matutino, do Colégio de Aplicação da UNIVALI (CAU), localizado em Itajaí / SC – Brasil. A razão que levou o pesquisador a realizar o estudo surgiu de reflexões feitas sobre a prática dos esportes futsal e voleibol durante a época de discente e observações feitas em meio acadêmico, a partir de estudos realizados na disciplina Pedagogia do Esporte. A análise dos resultados se delimita as reflexões das intervenções, ou seja, da prática pedagógica a partir dos dados coletados. Por fim, se recomenda a realização de outras pesquisas relacionadas, que possam dispor de mais tempo para estudos principalmente empíricos e desta forma, que possam abranger mais modalidades de esportes coletivos, tratando da pedagogia no ensino dos esportes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Ensino Fundamental. Esportes Coletivos.

ABSTRACT: This research aims to determine the teaching process of team sports – futsal and volleyball, using as a teaching methodology to critical-emancipatory approach. This is presented as a qualitative research type action research, using as

¹ Graduando em Educação Física Licenciatura da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Pós-graduando em Metodologia do Ensino da Educação Física pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras – FACEL.

² Docente do Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

instruments of data collection reports of interventions, these being held during school discipline Supervised Training: search Teaching Practice of the sixth period of the Bachelor's Degree in Physical Education. The study included about 41 schoolchildren aged 12 to 14 years. Students are studying the seventh grade of elementary school in the morning, the UNIVALI Application College (CAU), located in Itajaí / SC – Brazil. The reason why the researcher to conduct the study emerged from reflections on the practice of sports futsal and volleyball during the time of student and notices in academia, from studies in Sport Pedagogy discipline. The analysis is delimited reflections of interventions, the pedagogical practice from the collected data. Finally, it is recommended to carry out other related research, they may have more time to mainly empirical studies and thus, they can cover more modes of team sports, dealing with pedagogy in sports education.

KEYWORDS: Physical Education. Elementary School. Team Sports.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa se apresenta como resultado do Estágio Supervisionado do sexto período em Educação Física Licenciatura, sendo realizada no Colégio de Aplicação da UNIVALI (CAU). Como seu nome sugere, é um colégio que faz parte da estrutura da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), neste caso, no campus de Itajaí, que é também a instituição de vínculo do pesquisador.

Esse trabalho surge de reflexões feitas sobre a prática dos esportes futsal e voleibol durante a época de discente e observações feitas em meio acadêmico, questionamentos esses que emergiram a partir de estudos realizados na disciplina Pedagogia do Esporte.

Pesquisas produzidas por Barroso e Darido (2009), Bayer (1994), Kunz (1989, 1991, 2004), Kuns e Trebels (2006), Scherrer e Galatti (2008), entre outros, implicam na importância de investigar este tema no campo da Educação Física, justamente por ser o esporte um fenômeno mundialmente importante em que podemos percebê-lo em diversos lugares e momentos, assim influenciando os conteúdos que são desenvolvidos e esperados nas aulas de Educação Física escolar.

Para tanto se inicia a pesquisa com o seguinte questionamento: Como ensinar os esportes coletivos – futsal e voleibol – no ensino fundamental sob a perspectiva crítico-emancipatória?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 GERAL

Verificar o processo de ensino dos esportes coletivos – futsal e voleibol, utilizando como metodologia a abordagem pedagógica crítico-emancipatória.

1.1.2 ESPECÍFICOS

- Reconhecer a metodologia crítico-emancipatória como uma metodologia para o ensino dos esportes;
- Relatar as experiências do estágio supervisionado, analisando a prática pedagógica do pesquisador;
- Compreender o ensino dos esportes coletivos e a sua transformação didático-pedagógica.

2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação. A abordagem qualitativa objetiva entender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes, desta forma considerando as relações sociais, cultura, individualidades, etc. E para que isso ocorra, deve haver o envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo (PEREIRA, 1999).

Pesquisa-ação é uma metodologia que favorece as discussões e produção cooperativa de conhecimentos específicos sobre a realidade vivida. Para Thiollent (1986), é um tipo de pesquisa que ocorre juntamente com a prática, de modo que com esta prática fundamentada se possa solucionar um problema coletivo. Desta forma, o pesquisador se encontra junto do ambiente ao qual investiga, ocorrendo à reflexão-ação-reflexão, e, logo, à transformação da prática pedagógica, ou seja, da própria prática.

Para o processo de ensino aprendizagem de Educação Física, foi utilizada a abordagem crítico-emancipatória. Esta metodologia procura ir além do interesse técnico para o campo de conhecimento na educação física. A mesma objetiva a emancipação das pessoas, ou seja, que estas possam a partir de situações de conflito e decisões consigam interferir na sua própria realidade. Em que, por sua vez, está centrada no ensino de esportes em Educação Física escolar, buscando reflexões para a sua transformação didático-pedagógica, de modo a ensinar as crianças e jovens para uma competência crítica e emancipada (KUNZ, 2004).

Participaram do estudo o pesquisador supervisionado pelo orientador, além de 41 escolares com idade entre 12 a 14 anos e também indiretamente o professor de Educação Física da classe. Os alunos cursavam a sétima série do Ensino Fundamental no período matutino, compreendendo uma turma, esta, do Colégio de Aplicação da UNIVALI (CAU), que faz parte da estrutura da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), localizado em Itajaí 0 /SC – Brasil. Sendo que as aulas de Educação Física no horário matutino começavam às 7h30min e terminam às 9h04min, com duração das aulas de 48min. Esta duração se deve por serem duas aulas faixas.

Com relação ao espaço físico, as salas de aula são amplas, bem ventiladas e iluminadas, equipadas com data show e ar-condicionado. Por ser dentro da UNIVALI, o CAU, além da sua estrutura e materiais, conta também com os que a universidade pode oferecer. Compreendendo como espaços utilizáveis pelo colégio, estão: sala de musculação, sala de dança e ginástica artística, além do ginásio de esportes com uma quadra poliesportiva, uma quadra de vôlei de outra quadra poliesportiva, mais duas quadras e a piscina. O colégio possui inúmeros materiais, porém, se houver a necessidade, podem ser utilizados os milhares materiais disponíveis através da universidade.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa a avaliação diagnóstica a partir dos questionários estruturados, com perguntas descritivas e fechadas, num primeiro momento sobre o voleibol e posteriormente sobre o futsal. Estes auxiliaram na formulação de outros instrumentos como o plano de ensino e os planos de aula. Também os relatórios produzidos após cada intervenção, que descreviam as práticas pedagógicas do licenciando, que constitui a principal fonte de análise.

Com relação aos procedimentos de pesquisa, num primeiro momento se entrou em contato com o colégio escolhido para as intervenções, localizado dentro da própria universidade do pesquisador, onde foi apresentado o tema a ser trabalhado e as intenções do acadêmico com relação à oportunidade de estagiar na instituição. Após este, foram assinados os termos de compromisso, compreendendo três vias, uma para a instituição de vinculo do acadêmico, outra para o colégio onde foram realizadas as intervenções e um termo para o acadêmico.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Iniciou-se jornada das intervenções com a visita técnica ao Colégio de Aplicação. Neste dia, foi realizada a apresentação do acadêmico-pesquisador ao professor de Educação Física do colégio, para saber da possibilidade de aplicar o tema desejado e ter uma breve ideia de como é a turma a qual seria aplicado o projeto das intervenções.

A aula diagnóstica foi concretizada no primeiro horário do primeiro encontro, sendo que a cada dia são realizadas duas intervenções, pois são aulas faixas, ou seja, duas aulas seguidas. Ainda, foi realizada uma avaliação diagnóstica, utilizando como instrumento um questionário.

Este questionário foi útil, pois com ele soube o quanto os alunos sabem do esporte a ser trabalhado, no caso o voleibol.

A avaliação investigativa inicial instrumentalizará o professor para que possa pôr em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos. [...] A avaliação inicial serve para o professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos, assim como para o aluno tomar consciência do que já sabe e do que pode ainda aprender sobre um determinado conjunto de conteúdos. (BRASIL, 1997a, p. 55).

Com o questionário, tinha-se a pretensão de saber rapidamente sobre o entendimento dos alunos com relação à modalidade que seria aplicada. O mesmo foi organizado de maneira simples e de fácil entendimento, sendo preparado de forma a questionar sobre os fundamentos, regras, rodízio e interesses dos alunos com a modalidade. Num geral das respostas, percebeu-se que eles gostariam de aprender sobre a história do voleibol, as regras, aperfeiçoar os fundamentos, aprender o rodízio, e outros não gostam e não queriam aprender a modalidade.

Após a referida aula diagnóstica, ocorreu a primeira intervenção propriamente dita, que se encontra no segundo horário, em que se pode perceber concretamente o nível da prática do esporte em que a turma se encontrava. A partir disto, foi notada a carência de atividades que trabalhem noção de espaço, coordenação e também de cooperação.

Neste mesmo dia foi realizado um jogo, em que a turma foi dividida em grupos de nove alunos para que jogassem uma partida de voleibol, sendo sempre orientados a ficarem três na rede, três ao meio (linha dos três metros), e três ao fundo, jogando sets de dez pontos cada. Também, foi pedido aos alunos que jogassem da maneira que normalmente jogam, sem se preocupar em acertar ou

errar os fundamentos. Tal aula também pôde ser compreendida como diagnóstica, porque a abordagem pedagógica utilizada favorece ao professor perceber as habilidades dos alunos, através da transcendência de limites para experimentação, em que os alunos podem explorar e experimentar os materiais, de forma a se perceberem em novas possibilidades e capacidades (KUNZ, 2004).

Na avaliação que consistia em diálogo com os alunos, percebeu-se a insatisfação de alguns em praticar o voleibol. Logo quando perguntados qual outro esporte eles gostariam de praticar, intercaladamente às aulas de voleibol, pela escolha da maioria optaram pelo futsal. Neste sentido, o plano de ensino e conseqüentemente o cronograma e planos de aulas foram alterados para que atendessem as duas modalidades.

Esta interação entre professor e alunos favorece o ensino, pois nesta ação conjunta pode-se ir modificando as atividades a serem desenvolvidas, para melhor atender as necessidades dos alunos, assim estimulando a aprendizagem (LIBÂNEO, 1994). Com relação a estas possibilidades de mudanças, Kunz (1991), ao tratar das deficiências da Educação Física, destaca três aspectos passíveis para mudança pedagógica. A primeira destas seria o fato de atender a minoria, ou seja, os alunos que possuem talentos em determinado esporte, de modo a prejudicar a maioria, que seriam os alunos que não possuem os mesmos talentos para os mesmos esportes da minoria.

Partindo desta ideia, percebe-se para que haja uma mudança pedagógica neste sentido, deve haver uma “co-participação nos processos de decisão da aula” (KUNZ, 1991, p. 104), tomando por parte os interesses de todos os alunos. Mesmo porque o plano não pode ser algo rígido e pronto, ele deve sempre atender às necessidades dos alunos, foco central do processo de ensino-aprendizagem. Assim, ao integrar o futsal ao plano de ensino a partir da iniciativa dos próprios alunos, percebe-se que estaria atendendo agora os interesses de uma grande maioria da classe, desta forma, não lhes negando o seu mundo de movimento.

Num outro momento, já em atividade prática, inicialmente foram estimuladas algumas das habilidades necessárias para se jogar futsal, como drible e condução, sendo os mais requisitados nesta atividade. Após esta, foi aplicada uma atividade de bobinho, em que a turma foi dividida em quatro grupos, em que cada grupo ficará com uma bola e um bobinho, depois se juntam e dois grupos tendo duas bolas e dois bobinhos e assim até chegar ao grande grupo com quatro bobinhos e duas

bolas. Sendo que nesta atividade foram percebidos os fundamentos como o chute, a recepção, o drible e o passe principalmente.

Estas habilidades percebidas nas atividades podem ser desenvolvidas em outros momentos, pois quando são utilizadas no jogo propriamente dito, este processo é chamado de “*transfert*”, que seria a “possibilidade de transferência das ações técnico-táticas de um JEC [jogo esportivo coletivo] para outro JEC, tendo em vista que as modalidades possuem as mesmas invariantes e regras de ação” (SCHERRER; GALATTI, 2008, p. 239)

Desta forma, para Bayer (1994, p. 28) “a aprendizagem encontra-se facilitada logo que um jogador percebe, em uma estrutura de jogo, uma identidade com uma estrutura já encontrada e que a reconhece no mesmo ou em outro esporte coletivo”.

Logo, foi pedida à turma que se dividisse em grupos de seis alunos para jogar, de modo que a quadra do ginásio foi dividida em duas, ocorrendo dois jogos de futsal ao mesmo tempo, dando total liberdade neste momento para que os alunos jogassem da maneira que sabem. Alguns, neste momento de divisão da quadra, questionaram se não poderia ser com a quadra inteira e, também, seguindo o jogo de quatro jogadores na linha e um ao gol. Perante isto, foi conversado que devido principalmente à quantidade de alunos e tempo disponível, seria interessante para toda a classe que fosse feita da maneira a qual foram orientados, pois assim, todos os alunos poderiam vivenciar atividade. Esta divisão da quadra é plenamente possível, pois a quadra do ginásio de esportes tem quarenta metros por vinte, sendo que na divisão ficaram duas de vinte por vinte, ainda como se tinham quatro gols, os utilizamos da maneira mais adequada para o momento.

Como Kunz (1991) relata, existem alunos com bom desempenho esportivo, e outros com baixo desempenho esportivo. Por isso, não se pretende estimular somente os que já sabem algo, mas sim a todos os alunos, de forma a acrescentar algo no seu mundo vivido e logo em seu mundo de movimento.

Logo, em sala de aula, os educandos foram avisados que na semana seguinte deveriam levar para a aula rascunhos, papéis usados (jornais e revistas velhos) e também sacolas plásticas para as atividades que serão desenvolvidas na semana seguinte a partir de materiais alternativos. Neste momento surge a terceira deficiência pedagógica da Educação Física apresentada por Kunz (1991, p. 105), a qual pretendi superar, que seria “[...] a transmissão de um limitado repertório de movimentos e jogos [que] ocorre através de um processo de ensino-aprendizagem

sem qualquer planejamento prévio”. Em que, segundo o autor, se um professor de Educação Física tem materiais e espaço adequado, ele especializará seus alunos dentro destas possibilidades, caso contrário, aplicaria atividades de condicionamento físico.

O que demonstra uma grande falta de responsabilidade pedagógica, pois poderia tanto utilizar materiais alternativos e atividades diferenciadas que buscassem valorizar mais do que somente a “prática rotineira do seu cotidiano” (KUNZ, 1991, p. 105).

Para tanto, em outro momento, em sala foi realizada a construção de materiais alternativos para serem utilizados nas atividades posteriores no ginásio de esportes. Este seria o arranjo material que possibilitou a transcendência de limites para a experimentação. Em que, com o mesmo foram realizadas atividades que possuíam o mesmo significado do voleibol, que seria não deixar a bola cair no chão, a partir disto manteve-se o significado central do se movimentar do voleibol, assim conforme Kunz (2004) em seus estudos feitos com o atletismo.

Transformações devem ocorrer, acima de tudo, em relação às insuficientes condições físicas e técnicas do aluno para realizar com certa “perfeição” a modalidade em questão. Essa “perfeição” se concretiza no nível do prazer e da satisfação do aluno e não do modelo de competição [...]. (KUNZ, 2004, p. 126).

Dessa forma, todos os alunos, independentemente do talento de cada um, terão possibilidades de utilizar experiências em movimentos esportivos que normalmente somente um “expert” consegue realizar (TREBELS, 1983 apud KUNZ, 2004, p. 128).

Já no ginásio de esportes, a turma foi dividida em grupos para que jogassem “peteca” com apenas uma bola alternativa. Esta atividade foi interessante, pois ao acertar a peteca o aluno realiza o mesmo movimento de saque por baixo no voleibol. Ainda, a atividade mais lúdica do dia foi o voleibol com lençol, que consistia em apenas passar a bola alternativa de um lençol para o do outro grupo, nestes, ficavam oito alunos, quatro em cada lençol.

Contudo, houve o desejo e a confiança que no processo das intervenções os alunos pudessem agir com liberdade e autonomia, e que, além disso, tivessem uma interação social e comunicativa (estas entre eles mesmos). Ainda, Hilbert Mayer (1987 apud KUNZ, 2004) apresenta as categorias trabalho, interação e linguagem, e estas três categorias se relacionam com todo o processo integrante do ensino,

constituído pelo conteúdo, método e os objetivos. Segundo Mayer (1987 apud KUNZ, 2004, p. 39), “essas três categorias formam a mediação de conteúdos entre os alunos enquanto sujeitos em desenvolvimento e a realidade do mundo”.

Observando isto, percebe-se que o ensino não deve estar voltado apenas para uma ou outra categoria e sim para as três, de modo a não negar aos alunos a prática esportiva, a convivência social e nem as suas formas de comunicação. Desta forma a competência objetiva pretende treinar os alunos para que eles possam a partir de suas destrezas participarem de forma bem-sucedida em atividades individuais e coletivas. A competência social por sua vez, procura fazer com que os alunos compreendam o meio em que vivem, de modo que poderão superar as diferenças e trabalhar solidariamente e cooperativamente. Enquanto isso, a competência comunicativa pretende apresentar as outras formas de linguagem além da verbal. Trazendo o se movimentar, que seria uma comunicação pelo movimento com o mundo (KUNZ, 2004).

Em outro encontro iniciamos com a atividade “a cobra condutora”, que foi o momento lúdico do dia. Pensei que daria empurra-empurra, confusão, mas ao contrário, deu tão certo que pediram para fazer novamente, justamente para saberem qual seria a “cobra” mais rápida e, também, o grupo mais coordenado e sincronizado. Esta é a interação que estou desejando para eles, pois no voleibol são requeridos dos jogadores no momento do jogo muita atenção e cooperação para com a sua equipe.

Houve ainda uma grande surpresa para eles, em outra atividade, em que seriam formadas equipes com os seis mais habilidosos da sala, contra outros dez de diferentes níveis de habilidades, utilizando desta vez a quadra inteira. A princípio o time dos seis integrantes ficou receoso e o time dos dez, mesmo sendo os que tinham menos habilidades, estava crente que iria ganhar pela superioridade numérica. No entanto, o resultado final foi dois a zero para o time que possuía seis alunos. Tal atividade pode ser considerada como um jogo, e para tal, o seu uso pode ser entendido:

[...] como ferramenta pedagógica para o processo de ensino aprendizagem dos esportes coletivos possibilita a participação de todos, promovendo a partilha, a confiança em si mesmo e no outro, eliminando comportamentos destrutivos, desenvolvendo diversas competências inerentes ao esporte, aproximando alunos e professores num ambiente de espontaneidade (BARROSO; DARIDO, 2009, p. 67).

Desta forma, estão sendo trabalhadas com os alunos, além da prática, atividades que proporcionem a participação, agilidade e colaboração dos alunos participantes. Assim, para Haydt (2006) o jogo possui em si valores formativos que favorecem uma melhor interação dos alunos. “Por isso, a participação em jogos contribui para a formação de atitudes sociais: respeito mútuo, solidariedade, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, iniciativa pessoal e grupal” (HAYDT, 2006, p. 176).

Neste sentido “a *prática* da Educação Física há de levar ao ‘trabalho’ independente, no sentido de formação, à ação responsável, na qual o jovem experimente as leis próprias dos distintos ramos do exercício [...] e aprenda a trabalhar com outros em grupo” (SEYBOLD, 1980, p. 122, grifo do autor). Ou seja, através de jogos os alunos poderão interagir uns com os outros e neste contexto aprenderão a trabalhar coletivamente e pacificamente.

Neste dia, ainda foram levadas algumas bolas alternativas maiores, feitas a partir das outras da intervenção anterior. Esta bola alternativa seria o arranjo material deste novo dia possibilitando a transcendência de limites para a experimentação. Esta fase da transcendência de limites ocorre quando se tem uma intenção. Intenção esta que gera novas perspectivas de se utilizar o recurso material, logo, “dialogar com o mundo” (KUNZ, 1991, p. 174). Desta forma, as possibilidades e limites que cada aluno possui são levados em consideração para uma posterior formação de grupos e seleção de atividades.

Em outro encontro, a modalidade desenvolvida foi o voleibol. Em quadra os alunos pareceram mais tranquilos, estavam mais receptivos, digamos que até solidários para com eles mesmos e para com a minha pessoa. Talvez isto se deva ao fato deles terem gastos suas energias logo na primeira atividade, que foi o próprio aquecimento “arranca rabo”. Os alunos gostaram muito desta atividade, que foi a que eles mais se movimentaram e participaram. Nesta atividade até participei junto a eles, o que para foi uma surpresa ter se juntado a eles um professor fazendo atividades.

Na atividade seguinte com o bambolê, eles puderam então realizar de uma maneira diferenciada o toque e a manchete, pois deveriam passar a bola por dentro do bambolê para o colega do outro lado. Nesta houve até uma brincadeira que um grupo de alunos fez que foi interessante e por isso foi transmitida para o restante da turma, pois eles realizavam a mesma atividade, porém, sentados no chão e/ou

também somente o aluno que segurava o bambolê sentado e o restante passando a bola quicando ao chão (cortando a bola para o chão) e esta deveria passar por dentro do bambolê para o colega do outro lado. Nesta atividade, principalmente, acredito que já é a própria transcendência de limites para criação/invenção, pois os alunos reinventaram a atividade inicialmente proposta e problematizada pelo professor.

Praticamente todas as atividades desenvolvidas pela turma até o momento seguem o que dizem Suvorov e Grishin (1998), exercícios “auxiliares” para o ensino de jovens jogadores. Estes exercícios auxiliares se dividem em exercícios para o desenvolvimento geral e especiais. Este segundo, mais especificamente, é o qual vem sendo contemplado em nossas intervenções, pois são os exercícios:

Preparatórios: para o desenvolvimento da rapidez de reação e orientação e da rapidez das ações de resposta; para o desenvolvimento da capacidade de saltar; para o desenvolvimento da força e da rapidez de contração muscular dos atletas na execução dos procedimentos técnicos do voleibol; para o desenvolvimento das capacidades de coordenação necessárias ao domínio de técnica do voleibol; e para o desenvolvimento da flexibilidade.

Educativos: para dominar a técnica dos toques; para dominar a técnica dos saques; para dominar a técnica das cotadas; e para dominar a técnica dos bloqueios. (SUVOROV; GRISHIN, 1998, p. 18).

Suvorov e Grishin (1998) dizem que a partir destes exercícios são desenvolvidas aptidões físicas e de coordenação essenciais para dominar a técnica e a tática do voleibol. “Estes exercícios possuem os elementos estruturais dos procedimentos técnicos do volibol e das ações características dos jogadores durante o jogo”. (SUVOROV; GRISHIN, 1998, p. 19).

Estes exercícios auxiliares podem ser até aplicados a partir do uso de jogos pré-desportivos, em que os mesmos autores afirmam, que jogos pré-desportivos são ótimos meios para o desenvolvimento polivalente dos alunos no voleibol. Em que os mesmos são principalmente utilizados no período inicial de aprendizagem na modalidade, podendo ser utilizados para solucionar determinadas tarefas, principalmente com relação aos fundamentos do voleibol.

Suvorov e Grishin (1998) falam que a partir da aplicação dos pré-desportivos, observa-se o aperfeiçoamento de hábitos auxiliares, como a corrida, saltos, arremessos e subidas. “Por causa da diversidade das ações, os participantes desenvolvem destreza, a resistência, a rapidez e a força, qualidades motrizes fundamentais que são necessárias aos volibolistas”. (SUVOROV; GRISHIN, 1998, p. 82).

Já num outro encontro, em seu primeiro horário foi levada uma proposta diferente para a turma, o futebol de cinco (futebol de salão de cegos). Após a introdução ao tema desenvolvido, feita em círculo ao centro da quadra, logo após o aquecimento, no qual as duplas saíram correndo pela quadra, em que um de cada dupla estaria de olhos vendados.

As vendas utilizadas e todos os outros materiais já utilizados são materiais didáticos muito importantes para a aprendizagem significativa que podem proporcionar aos educandos, em que, para Libâneo (1994), os mesmos são os *meios de ensino*. “Por *meios de ensino* designamos todos os meios e recursos materiais utilizados pelo professor e pelos alunos para a organização e condução metódica do processo de ensino e aprendizagem” (LIBÂNEO, 1994, p. 173, grifos do autor).

Nesta atividade, foram separadas duplas, em que um ficou vendado num certo momento com o auxílio do outro. Como os alunos não estavam acostumados a realizarem atividades com vendas, demorou um pouco, até porque houve algumas brincadeiras paralelas, em que os videntes (que estavam sem vendas) ficavam passando a perna nos que estavam vendados, ao invés de orientá-los estavam deixando-os livres, onde até uma aluna bateu com o joelho na trave de futebol, outra tropeçou e caiu no chão. Desta forma, foi realizada uma roda de conversa com a turma para fazer uma reflexão coletiva sobre o desenvolvimento desta atividade.

Continuaram-se as atividades do futebol de cinco (para cegos) no segundo horário, agora sendo realizado o jogo propriamente dito. Neste os alunos deveriam se organizar com um goleiro vidente e dez jogadores, destes cinco vendados. No entanto, ocorreram alguns problemas, pois os alunos estavam visivelmente inviabilizando o jogo, pois estavam conseguindo ver a bola. Após esta atividade realizada, a única “variação” proposta pela turma foi na realidade, voltar para o jogo de futsal “normal” (todos videntes).

Percebendo isto, Maraun (1981 apud KUNZ, 1991), ao falar que os desportos de competição possuem regras universais, afirma que estas são amparadas pela competição e pela concorrência, em que costumam superar outras intencionalidades na ação esportiva e são resumidas em duas regras: da sobrepujança e das comparações objetivas. Kunz (1991) procura interpretar estas regras baseadas em Trebels (1986), em que:

[...] o *princípio de sobrepujança* surge da aceitação da idéia de que qualquer um, qualquer equipe, tem a possibilidade de vencer em confrontos esportivos. O objetivo dos esportes fica assim reduzido à idéia de vencer constantemente, de sobrepujar o adversário ou a equipe adversária. (KUNZ, 1991, p. 110, grifos do autor).

Já o princípio das comparações objetivas:

[...] surge justamente da necessidade de se oferecerem chances iguais a todos nas disputas esportivas. [...] As atividades do movimento humano efetuadas – ou melhor, as práticas esportivas que são limitadas a estes locais padronizados – ficam também condicionadas a produzir ações mecânicas e automatizadas (PARLEBAS:1987 apud KUNZ, 1991, p. 110).

Analisando estas regras/princípios, percebe-se que os alunos já vêm com uma sobrepujança inserida em seus pensamentos, ou seja, esta ideia de superar e levar vantagem sobre seus adversários nos esportes. As comparações objetivas aplicam-se juntamente com a sobrepujança e não em oposição à mesma, porém, se pensarmos nas chances iguais oferecidas pela mesma e esta num sentido de inclusão e coparticipação, acredita-se que possa realmente se opor à sobrepujança. Pois nesta nova perspectiva de olhar as comparações objetivas oferecerão chances iguais a todos os participantes, podendo favorecer o amadurecimento dos mesmos, em que, a partir disto, poderão perceber o quão é limitado o seu repertório de experiências e de movimentos, justamente por seguirem os condicionantes de determinados esportes, e estes, sistematizados.

Logo em outra aula, após conversa com a classe, mudei a forma de oferecimento das aulas e assim das atividades. Para tanto, conversei novamente com a turma no sétimo encontro sobre a responsabilidade da mesma, pois neste dia trabalhamos simultaneamente tanto o voleibol como o futsal, desta forma não analisando separadamente os horários. Desta forma, não foi interessante trabalhar as regras das duas modalidades explicitamente, acredito que as necessidades da classe sejam mais dos fundamentos e a própria socialização entre eles. Porém, não quero dizer que as regras estão sendo dispensadas, pois são essências para ambas as modalidades. Desta forma as regras foram trabalhadas implicitamente, durante os jogos os alunos foram sendo orientados a segui-las, assim quando ocorre algo que infringe alguma regra, interfere e os mesmos mais conhecedores também.

Em quadra apenas realizamos um “mata-mata” como forma de aquecimento, em que até mesmo os dois professores (regente e estagiário) participaram, e depois separamos por esporte de interesse. Não surpreendentemente, ficaram mais meninos jogando futsal e mais meninas jogando voleibol, no entanto, o fato de ter

praticamente todas as meninas no voleibol, também se deve a ter muitos meninos no futsal, onde principalmente os meninos não gostam de jogar juntamente com as meninas.

Mais adiante, trocamos de lado (acadêmico e professor da classe), pois ao mesmo tempo em que estava com o grupo de futsal, o professor de educação física estava com o grupo do voleibol, em que passados os trinta minutos fui para o voleibol e ele para o futsal. Durante esta troca, também repassamos informações sobre como estavam sendo as atividades desenvolvidas e como estavam se comportando.

Quando na quadra de voleibol, comecei a cobrar um pouco mais das regras básicas, como movimentação, de saque (pisar na linha), de três toques, entre outros. Pois mesmo os alunos que têm vontade de jogar voleibol, não compreendem ainda como o mesmo funciona na prática, o que já não deveria ocorrer com alunos da sétima série do fundamental. Contudo, vi uma maior participação geral da sala neste dia, em que praticamente todos os alunos participaram do início ao final das atividades.

Na semana seguinte, foram trabalhadas as modalidades novamente simultaneamente. No ginásio, como atividade de aquecimento, fizemos uma atividade com balões, em que os alunos deveriam após encher e amarrar os balões jogá-los por cima da rede de voleibol e não permitir que os balões do outro lado (outra metade da sala) caíssem do seu lado. Esta foi uma atividade bem descontraída, em que, ao final, os alunos poderiam estourar os balões de diferentes formas: com um abraço sozinho, com um colega, sentando no balão, contra a parede, etc.

Tendo em vista que os planos de aula para este dia estavam muito abertos, fui deixando com que a própria turma fosse se organizando por esporte de interesse/afinidade, em que, depois de organizados, passei orientando os alunos em casos de dúvidas e reclamações. Expondo também sugestões para outras atividades, diferentes daquelas as quais estavam realizando.

Por fim, pude perceber que, durante este processo das intervenções, os meus interesses como professor, logo, os meus objetivos de ensino, foram se alterando, observando a grande necessidade em que se encontrava a turma em estabelecer relações mais humanas entre os alunos. Entendo ainda que o processo de ensino ocorre numa dialética, uma interação professores-alunos e alunos-alunos, em que

neste processo todos têm o seu grau de responsabilidade nas atividades, não sendo desta forma apenas trabalho do professor aplicar a aula e do aluno recebê-la. Ainda, vale ressaltar que o ambiente favoreceu toda a aprendizagem, por ser dentro de uma universidade e possuir inúmeros equipamentos, materiais e espaços.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver um projeto de intervenções que contemple um dos maiores conteúdos da Educação Física é extremamente importante, tendo em vista não somente o domínio do esporte sobre os demais conteúdos, mas também preparar o futuro professor para perceber tal importância, desenvolvendo assim habilidades e competências para futuramente contribuir para a aprendizagem dos seus alunos.

Contudo, percebe-se a dificuldade de alguns professores de Educação Física em aplicar suas aulas num enfoque diferente do técnico e/ou da “aula livre”, em que, respectivamente, as aulas são sistematizadas ou não se tem. Mesmo que para tal prática emancipadora existam referências, abundância de materiais e espaço dentro das escolas para a prática do esporte, ainda assim resolvem negar isto aos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997b) definem que cabe à Educação Física o objetivo de interagir e integrar o aluno na cultura de movimento. A cultura de movimento, por sua vez, é entendida como sendo todos os movimentos cujos significados têm sido construídos em função das necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas ao longo da história. Desta forma, pode-se afirmar que os esportes coletivos, dentre estes o futsal e o voleibol, que são hoje em dia dois grandes esportes praticados pelo mundo, inclusive nas escolas, fazem parte da cultura de movimento, devendo então ser vivenciados pelos alunos.

Com isto, Elenor Kunz, a partir da experiência com o ensino do Atletismo Escolar, fala que: “o esporte passa por uma *transformação didático-pedagógica* para atender as possibilidades de realização bem-sucedida de todos os participantes do ensino e não apenas de uma minoria” (KUNZ, 2004, p. 18, grifos do autor). Para que o esporte passe a ser de certa forma mais inclusivo (a todos os alunos), o mesmo deveria ser pedagogizado, para que fosse então ensinado dentro do ambiente escolar.

Para que isso ocorra, Libâneo (1994, p. 55) diz que é importante haver um planejamento, pois “ensinar e aprender, pois, são duas facetas do mesmo processo, e que se realizam em torno das matérias de ensino, sob a direção do professor”.

O planejamento não assegura, por si só, o andamento do processo de ensino. Mesmo porque a sua elaboração está em função da direção, organização do ensino. É preciso, pois, que os planos estejam continuamente ligados à prática, de modo que sejam sempre revistos e refeitos (LIBÂNEO, 1994, p. 225).

Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados a cada momento do ensino, em que, a partir da metodologia crítico-emancipatória e da pesquisa-ação, houve momentos cruciais para este processo, pois se iniciou com a intervenção diagnóstica e vieram às intervenções, onde, junto a estas, a reflexão escrita sobre as práticas adotadas, por meio dos relatórios para as devidas alterações nas práticas subsequentes.

Desta maneira, para se ensinar os esportes coletivos sob a perspectiva crítico-emancipatória, deve haver uma práxis do pesquisador, em ação-reflexão-ação, e ainda uma dialética do mesmo com seus alunos, para que desta forma haja uma coparticipação no processo de ensino e com isso a emancipação dos alunos.

Entendo ainda que o conteúdo “esportes coletivos” é muito mais amplo que apenas o futsal e o voleibol, porém, foi organizado desta forma para que não tivéssemos a vivência sem significado de diferentes modalidades e sim a aprendizagem mais direcionada significativa.

Por fim, percebo que a partir do todo apresentado das intervenções houve um desenvolvimento do pesquisador como professor e também dos alunos, mesmo que esta conscientização pedagógica sobre esporte tenha ocorrido paulatinamente durante o processo de ensino, acredito ainda que foi realizada uma prática valorosa e significativa.

REFERÊNCIAS

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. **A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos:** conceitual, procedimental e a atitudinal. Revista da Educação Física, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BAYER, Claude O. **O ensino dos deportes colectivos.** Lisboa, Dinalivro, 1994.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acessado em julho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação física / Secretaria de Educação

Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997b. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>> Acessado em julho de 2014.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed.- Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, SP: Editora CORTEZ; 1994.

PEREIRA, Julio Cesar Rodrigues. **Análise de Dados Qualitativos: Estratégia Metodológica para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SEYBOLD, Annemarie. **Educação Física: princípios pedagógicos**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

SCHERRER, Ellen Moraes; GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte: Considerações metodológicas a partir dos aspectos técnicos-táticos e sócio-educativos dos Jogos Esportivos Coletivos na Escola**. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, 2008.

SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. **Voleibol: iniciação**. Rio de Janeiro – SPRINT. 3ª edição – 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.